



<https://doi.org/10.51880/ho.v27i3.1448>



## **“Tenho que te contar que os monumentos de Milot significam muito para mim”: memórias de moradores de Milot acerca do *Parc National Historique* - Haiti<sup>1</sup>**

Loudmia Amicia Pierre-Louis\*

ORCID iD 0000-0002-6070-8727

Universidade Federal do Maranhão, Departamento de História, São Luís, Brasil

Resumo: Este artigo analisa a memória social dos moradores de Milot acerca dos monumentos do *Palais Sans-Souci*, *Citadelle Laferrière* e *Ramiers* que constituem o *Parc National Historique*, patrimônio nacional e da humanidade no Haiti. Assim, as relações sociais entretidas por essa comunidade com esses monumentos são problematizadas em diálogo com a memória nacional legitimada pelo Estado a seu respeito. Com ajuda teórica de autores que abordam, sobretudo, os temas memória e patrimônio, e fazendo uso da metodologia de História Oral, oposições são observadas entre a memória nacional que relembra os monumentos apenas de forma relacionada aos valores da Revolução Haitiana e a memória social dos moradores locais que enfatizam violências da colonialidade que marcam Milot.

**Palavras-chave:** Patrimônio cultural. Memória social. Oralidade. Milot-Haiti.

### **“I have to tell you that the monuments of Milot mean a lot to me”: memories of Milot residents about the *Parc National Historique* - Haiti**

Abstract: This paper analyzes the social memory of Milot residents regarding the monuments of *Palais Sans-Souci*, *Citadelle Laferrière* and *Ramiers*, which constitute the *Parc National Historique*, a national and world heritage site in Haiti. Thus, the social relations maintained by this community with these monuments are problematized in dialogue with the national memory legitimized by the State regarding them. With the theoretical help of authors who mainly address the themes of memory and heritage, and employing Oral History methodology, oppositions are observed between the national memory that

1 Este artigo é fruto das reflexões da nossa dissertação. Agradeço a Bárbara Ferreira de Lima pelas suas ricas sugestões.

\* Doutoranda em História e Conexões Atlânticas pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Mestra em História, Especialista em Ensino de História e América Latina e Bacharel em História - América Latina pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). E-mail: loudmia09@gmail.com.

recalls the monuments only in relation to the values of the Haitian Revolution and the social memory of local residents that emphasize the violences of coloniality that mark Milot.

**Keywords:** Cultural heritage. Social memory. Orality. Milot-Haiti.

## Introdução

Milot é uma cidade rural de 76 Km<sup>2</sup> localizada na região norte a alguns quilômetros da segunda cidade mais importante do Haiti, Cabo Haitiano. Seus cerca de 30 mil habitantes vivem da agricultura, da venda de produtos locais em feiras e do turismo (MEF, 2016). Com Henry Christophe, rei Henry I, Milot se tornou um dos importantes marcos da história nacional, ao ser transformada em Cidade Real do reino do Norte (1811-1820), cujas principais ruínas, *Palais Sans-Souci*, *Citadelle Laferrrière* e *Ramiers*, constituem o Parque Nacional Histórico (PNH-CSSR). Esses monumentos foram construídos para fazer jus ao poder real de Henry I e ressaltar o valor antiescravista, antirracista e anticolonial da Revolução Haitiana<sup>2</sup> (Madiou 1848; 1987; 1988; Pérard, 2018; Trouillot, 2016). Características que, aliás, justificaram seu tombamento como patrimônio da humanidade pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) em 1982 (Icomos, 1981) e como patrimônio nacional em 1995 (Haiti, 1995).

Com isso, as ruínas de Milot são apropriadas pelo poder público e transformadas em artefatos culturais que evocam um passado heroico e reforçam a formação da comunidade imaginada (Anderson, 2008) haitiana. Pois a memória e o patrimônio, interpretando o passado a ser lembrado e salvaguardado, têm, entre outras, a função simbólica de unir indivíduos de um determinado território em torno de um mesmo sentimento de pertencimento, mantendo uma coesão social (Choay, 2001). Logo, em Milot observa-se um trabalho de enquadramento da memória (Pollak, 1989, 1992) que, mediante a patrimonialização dos monumentos, reforça a identidade local e nacional que diz respeito à bravura de toda uma nação contra a escravidão, enaltece Henry I e o seu projeto de progresso e ostenta o parque como capaz de melhorar a

---

2 Com assassinato de Jean-Jacques Dessalines, primeiro chefe de Estado no Haiti, Henry Christophe ergueu seu próprio Estado em 1807 e autoproclamou-se rei Henry I na região norte, em 1811. Alexandre Pétion foi proclamado pelo Senado Presidente da República do Sul, dividindo assim o país em dois Estados. Mas, antes disso, a *Citadelle* estava em construção, pois, ainda em 1804, Dessalines instruiu os comandantes das divisões militares do país a erguerem fortalezas em pontos estratégicos do território nacional com o intuito de defender a Independência e a abolição da escravidão.

condição de vida dos moradores locais por meio do turismo.<sup>3</sup>

Assim, o Estado atribui valores aos patrimônios mediante a patrimonialização e de acordo com seus interesses e cada grupo da nação se sente representado por esses bens de forma diversa e se apropria deles de maneira diferente. É o que se observa no Haiti onde a memória nacional, essa “memória forte” (Traverso, 2012), dominante, a única digna de ser lembrada acerca do PNH-CSSR, condizente com o Estado que resgata apenas os valores da Revolução Haitiana, ignorando experiências de violência que marcaram Milot na colonialidade,<sup>4</sup> é constantemente questionada pela população local. Pois em Milot nos deparamos com uma população que foi violentada durante a construção dos monumentos e durante sua patrimonialização, e cuja participação nesse processo e na valorização turística da cidade foram pouco estudados, uma vez que são desvalorizadas suas referências culturais (Demesvar, 2015; Fonseca, 2001). Elementos imateriais que sustentam a materialidade dos bens de Milot – e vice-versa –, a percepção, vivência e práticas da comunidade local, fundamentais para a construção de sentidos de identidades, são ignorados oficialmente.

Assim, analisa-se neste trabalho a memória social dos moradores de Milot acerca desse patrimônio, problematizando as relações sociais entretidas com ele em diálogo com a memória nacional legitimada pelo poder estatal. Diante dessas questões, o uso da História Oral (HO) temática (Alberti, 2019; Meihy; Holanda, 2020) se torna imprescindível, tendo em vista seu potencial de expor a “memória fraca” que se opõe à “memória forte”, esta, muitas vezes opressora (Traverso, 2012). As entrevistas foram realizadas entre 2020 e 2022, em crioulo haitiano, por ligação no WhatsApp, durante a pandemia da Covid-19, pois, era inviável o trabalho de campo em Milot naquele

---

3 Esse trabalho de enquadramento da memória em Milot, por parte do Estado, para a construção de uma identidade nacional se observa nos boletins do Instituto de Salvaguarda do Patrimônio Nacional. Os monumentos de Milot estão em quase todos os números, aparecendo como principal emblema da Independência Haitiana e do turismo nacional. Os boletins podem ser acessados no site da instituição. Disponíveis em: <http://www.mappinghaitianhistory.com/new-page>. Acesso em: 25 nov. 2025. Nesse mesmo sentido ver: *Le courrier* n. 2, année 7, 1954. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000069856\\_fre](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000069856_fre). Acesso em: 25 nov. 2025. Nesse jornal da Unesco são os monumentos de Milot os escolhidos com símbolo para celebrar o 150º Aniversário da Independência Haitiana, demonstrando sua relevância na vida pública. Milot também foi central para espalhar um discurso de paz e progresso para atrair turistas, mostrando os avanços urbanísticos nesse período, durante a Exposição Internacional do Bicentenário de Port-au-Prince (1949-1950). Ver o catálogo oficial da Exposição. Disponível em: <https://dloc.com/AA00010663/00001/flipbook>. Acesso em: 25 nov. 2025.

4 Entende-se por colonialidade todas as violências físicas e simbólicas praticadas em todos os aspectos da vida social pela Europa na América Latina e no Caribe desde 1492 e que foram se modificando e se adaptando aos Estados-nação locais. Ver, entre outros: DUSSEL, Enrique. *1492 - El encubrimiento del otro: hacia el origen del mito de la modernidad*. La Paz: Plural Editores, 1994; MIGNOLO, Walter. *Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade*. RBCS, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017.

contexto.<sup>5</sup> Contudo, visto o objetivo da pesquisa, não contextualiza o que pode ter sido esse período para os entrevistados.

Nas entrevistas realizadas com o guia turístico Maxime Myrbel, a recepcionista na prefeitura da cidade Rose-Berthide, a artesã Sophonie Jean-Blaise e Maurice Étienne, dono de um centro cultural e hostel, todos nascidos e moradores de Milot, foi possível perceber o patrimônio como um espaço de disputas, tanto materiais quanto simbólicas (Canclini, 1994). Os entrevistados expõem os limites do trabalho de enquadramento da memória oficial, o esforço por “controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais” (Pollak, 1989, p. 12). Portanto, este trabalho nos permite estabelecer relações entre identidade, memória e história oral ampliando as possibilidades de interpretação das narrativas de grupos sociais, como a comunidade de Milot, acerca dos bens patrimoniais.

## Os monumentos do PNH-CSSR e os moradores de Milot

Assim começou a contar sua relação com os monumentos do parque Maxime Myrbel, que criou uma associação de guia turística em Milot para seguir melhor as tradições familiares:

[...] tenho que te contar que os monumentos de Milot significam muito para mim. Mesmo que eu esteja em outro lugar, toda vez que penso na *Citadelle*, sempre penso na minha educação, porque foi com a *Citadelle* que começou minha educação. Meu pai e minha mãe começaram a trabalhar com os turistas, os encontrei fazendo isso e, então, decidi seguir na mesma linha. (Maxime Myrbel, 2020).

Igualmente, Sophonie Jean-Blaise, uma artesã que se formou em turismo, narra sobre a importância desses bens para ela:

Sabe, para mim o parque tem tanta importância! Eu sinto que se não tivesse o parque em Milot, Milot não significaria nada, nada mesmo [...]. É graças ao parque que fui criada, que fui à escola. Tem muita importância para mim. Meus pais estavam sempre envolvidos com questões turísticas, trabalhavam com isso. Tem muita gente que vive do parque, comercializando seus produtos [...] cuidam dos filhos [...] cuidam da família. (Sophonie Jean-Blaise, 2022).

---

5 Se bem que os oralistas criticam, devidamente, a HO à distância, durante nossa experiência, importantes elementos como a imediatez, dialogicidade e situacionalidade foram observados. A autorização do uso das entrevistas foi dada pelos participantes de forma verbal, estando cientes da finalidade. Fizemos a transcrição, a textualização, a transcrição e tradução das entrevistas (Meihy; Ribeiro, 2021; Santhiago; Magalhães, 2020).

Para quem não trabalha diretamente com o turismo, como Rose-Berthide Dorcin, recepcionista na prefeitura de Milot, os sentimentos são os mesmos:

O PNH, a *Citadelle, Sans-Souci*, tem muito valor para mim, porque são Patrimônio Mundial [...]. Quando falo de *Sans-Souci*, da *Citadelle* eu sinto muito orgulho, eu sinto muito orgulho porque sou de Milot, eu sou de uma cidade que tem monumentos históricos, eu sinto que venho de um lugar importante apesar de ser do interior, temos valor histórico. Isso me deixa feliz, muito feliz [...]. Quando você olha para os monumentos, é uma coisa inexplicável. É um atrativo para a cidade, vão permanecer na história. (Rose-Berthide Dorcin, 2022).

Rose-Berthide pontua em sua narrativa a marginalização do espaço rural, apesar de estar ocupado pela maioria da população do país. Com efeito, a relação entre o mundo rural e o urbano no Haiti é bastante conflitiva (Barthélemy, 1989) e a importância de Milot não se mede por ser uma pequena cidade do interior, mas por contar a história nacional através de seus monumentos, que ficarão no tempo, na memória e serão conhecidos pelas próximas gerações.

Assim, percebe-se que o prestígio da cidade não se limita a um sentimento pessoal, mas se estende para o coletivo, o parque torna-se um marco para a memória social. E, justamente, como pontuou Maurice Halbwachs (1990), as memórias do indivíduo, mesmo as mais íntimas, se dão sempre a partir da sua relação de pertencimento a grupos sociais definidos e dependem das combinações entre os quadros sociais, dos sistemas de valores. Ou seja, para que ocorra o exercício da memória é imprescindível a existência de uma comunidade afetiva. Além do mais, o indivíduo precisa estar engajado com o passado rememorado, pois é isso que determinará como cada um rememorará os mesmos acontecimentos, com mais ou menos intensidade. E é essa adesão afetiva ao passado que permite a construção da imagem identitária. De forma que, ao perguntar sobre o que significam os monumentos do PNH-CSSR para cada morador, todos responderam que o parque tem grande valor por sua relação com a história nacional que perpassa suas identidades como haitianos, mas, sobretudo, como habitantes de Milot. Por isso, fazem questão de enfatizar a sua agência como cuidadores do parque:

Para a segurança da *Citadelle* é a população que faz isso, é a população que mora na área que dá segurança, porque as pessoas que contrataram como guardas não estão equipadas, não têm nem mesmo um bastão e cuidam de algo tão grande assim. Isso quer dizer que, caso aconteça alguma coisa, os guardas terão que chamar os moradores para ajudá-los. Na verdade, a região, somos nós que a cuidamos. (Maxime Myrbel, 2020).

Nessa mesma linha, podemos evocar as falas de Maurice Étienne, que nasceu em 8 de outubro de 1953, no mesmo dia que Henry Christophe se suicidou. “Nasci

para substituir o rei", comentou brincando. Responsável por um centro cultural que é também um hostel, ele é referência em Milot e diz assim:

Se fosse para o Estado, o PNH não teria valor. O que o torna valioso são as balas de canhão que estão lá, é o monumento *Sans-Souci* que está lá? Mas houve um tempo em que pessoas do Cabo-Haitiano, pessoas de todos os lugares vinham pegar tijolos e pedras de *Sans-Souci* para construir casas, construir outras coisas em outros lugares. Mas é graças ao povo de Milot que se levantou e disse não, não foi o Estado que disse não, que isso não pode ser feito. Desde então, todas as pessoas que vinham buscar tijolos, claro, o povo de Milot também fazia isso, pararam, disseram que não, não podemos destruir esses monumentos que estão ali. Foi por isso que *Sans-Souci* ainda está lá. É verdade que foi destruído pelo terremoto de 1842, mas o que mais o destruiu foi o vandalismo. (Maurice Étienne, 2022).

Todos os moradores afirmam que são eles que cuidam dos monumentos antes mesmo de se converterem em patrimônio, evidenciando seu protagonismo. Seriam, assim, os empreendedores da memória (Jelin, 2002), que carregam a memória do parque e que lutam para manter, por meio do zelo, da preservação, sua identidade, sua história.

Todavia, o elemento central para a manutenção de sua identidade como coletivo está na transmissão dos saberes transgeracionais evidenciada em todas as falas, mas de forma exemplar por Étienne ao se referir à chamada "memória herdada", "vívida por tabela" (Pollak, 1992, p. 2). Destaca que os acontecimentos ocorridos em Milot, dos quais ele fala, não foram vivenciados por ele, mas que pertencem ao grupo no qual ele se insere e que foram compartilhados por gerações e apropriados pela socialização. É essa, justamente, a dimensão intersubjetiva, social da memória, responsável pela manutenção de valores e de identidade tanto individual como de uma nação (Halbwachs, 1990; Jelin, 2002). É essa transmissão que o leva a amar Henry I, seus monumentos e seu país.

Eu respeito o parque assim como todos os meus avôs o respeitaram, porque se não fosse por eles, não haveria o PNH [...] a história nos é transmitida de pais a filhos, temos pessoas que estão sempre nos mostrando, nos contando a história da *Citadelle*, a história de Henry Christophe, o que nos fez ter um amor, não apenas pelas suas obras, mas amor pelo país. (Maurice Étienne, 2022).

Ao lembrar que para defender a independência, Henry I entendia que o povo primeiramente precisava sobreviver e que, por isso, incentivou não apenas a agricultura de exportação, mas também a de consumo local, Étienne reitera o seu encantamento pelo Homem político e suas obras: "É por isso que somos obrigados a amar a *Citadelle*, obrigados a amar a filosofia de Henry Christophe, porque a *Citadelle* simboliza a vida ou a morte. Então, ou vivemos livres, ou morremos". Mas, lamenta, assim como outros

entrevistados, a situação atual de desmatamento, de desrespeito à natureza que afeta o clima em Milot, resulta na escassez de certos produtos agrícolas, na fome. O que também compromete o aspecto estético do parque, e destrói as moradias de entidades do vodou.



Figura 1, 2 e 3 – A Citadelle Laferrière, o Palais Sans-Souci Ramiers.

Fonte: Loudmia Amicia Pierre-Louis (2019).

Os relatos dos entrevistados demonstram como as pessoas de Milot se apropriam do parque também como espaço de lazer. Rose-Berthide lembra que quando criança brincava no Palácio, por exemplo. Outras pessoas, nos espaços do Palácio, se encontram e “fazem ensaios de dança, estudam recostadas em alguma das colunas ou jogam futebol no pátio” (Bulamah, 2018, p. 78-79). Mas, acima de tudo, os monumentos do PNH-CSSR são as bases para uma certa cultura histórica entre os moradores locais (Rüsen, 1994;<sup>6</sup> Cerri, 2021; Ribeiro, 2013).

Uma das principais formas como a cultura histórica, que depende de processos de socialização, da memória social e das tradições compartilhadas de geração em geração entre um determinado grupo (Ribeiro, 2013), acontece é durante a Caminhada à Citadelle ou a Festa da Citadelle. Esta festa, que ocorre anualmente durante a semana da Páscoa, muitas vezes sem o apoio estatal, reúne pessoas de todo o país e do exterior.

6 Texto acessado em tradução livre para o espanhol, feita em 2009 por F. Sánchez e Ib Schumacher com o título “¿Qué es la cultura histórica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia”. Disponível em: [http://culturahistorica.org/wp-content/uploads/2020/02/rusen-cultura\\_historica.pdf](http://culturahistorica.org/wp-content/uploads/2020/02/rusen-cultura_historica.pdf). Acesso em: 25 nov. 2024.

É a ocasião para a realização de várias atividades culturais, de comercializar produtos típicos para conseguir uma renda extra no parque antes mesmo da Semana Santa. Mas a ocasião é, sobretudo, o momento para discutirem a história, ao falarem do tempo passado e do tempo presente enquanto almejam o futuro, produzindo e reforçando os laços identitários com o PNH-CSSR e com a cidade (Bulamah, 2018). A Festa da *Citadelle* e a comemoração da Semana Santa são uma forma ritualizada de reativar a memória social recorrendo ao passado e ressignificando sentidos com elementos do presente. É quando

*Los hechos se reordenan, se desordenan esquemas existentes, aparecen las voces de nuevas y viejas generaciones que preguntan, relatan, crean espacios intersubjetivos, comparten claves de lo vivido, lo escuchado o lo omitido. Son hitos o marcas, ocasiones cuando las claves de lo que está ocurriendo en la subjetividad y en el plano simbólico se tornan más visibles, cuando las memorias de diferentes actores sociales se actualizan y se vuelven «presente».* (Jelin, 2002, p. 52).

Assim, as histórias em torno do porquê celebram a Semana Santa indo à *Citadelle* tem versões variadas, mas todos os entrevistados reconhecem nessa celebração uma tradição a ser seguida. Uma das versões, relatada ao Rodrigo Bulamah (2018), diz que a festa se realiza na quinta-feira santa por ter sido o dia de folga fixo que os trabalhadores tinham durante a construção da fortaleza. Como tinham que permanecer no local de trabalho, os familiares, então, vinham visitá-los e comemoravam juntos o feriado. Segundo eles, a prática de ir até a *Citadelle* permaneceu para além da morte do rei, para além da deterioração dos monumentos, “ficou na história” (Bulamah, 2018, p. 95).

Com isso, a Festa da *Citadelle* é um dos principais momentos em que é possível notar a atuação dos moradores locais como empreendedores da memória (Jelin, 2002), na medida em que aproveitam essa data para questionar a “memória forte” (Traverso, 2012), trazem à tona interpretações diversas em torno de Milot, enfatizam os conflitos em torno do patrimônio e da memória. Comemorando os personagens historicamente conhecidos como Henry I e aqueles que a história não registrou o nome, a memória social em torno de Milot resguarda elementos como, por exemplo, o protagonismo dos trabalhadores na construção dos monumentos do parque e o caráter violento do rei que não integra a memória oficial do PNH-CSSR.

Henry Christophe é estudado como aquele que modernizou e industrializou seu reino, aquele que se dedicou ao desenvolvimento econômico e cultural da região, no entanto, também é representado pelos principais historiadores haitianos do século XIX como cruel e inumano. Por isso, ao lado da imagem do “*Roi bâtisseur*”, encontra-se a designação de déspota. Henry I teria priorizado a grande propriedade, instaurado o trabalho forçado nos campos de agricultura e para a construção das cidades, além de assassinar, perseguir e encarcerar opositores na *Citadelle* (Madiou, 1848, 1987, 1988; Trouillot, 2016). Todos os entrevistados narram que o reinado de Henry I foi um

período difícil, que demandou bastante trabalho forçoso e que ceifou muitas vidas. Nesse sentido, Rose-Berthide, mobilizando sua memória herdada (Pollak, 1992) nos conta:

Muitas pessoas perderam a vida na construção da *Citadelle*, muitas pessoas perderam a vida na construção de *Sans-Souci*. Quando te contam a história, o imperador era alguém muito violento. Nos arredores da cidade, em cima da montanha tem um lugar que é igual a um dorso de cavalo. O imperador, quando alguém não queria trabalhar, ele o levava lá em cima e lá tinha um penhasco, qualquer passo em falso, podia cair. O imperador levava os soldados e os trabalhadores para desfilar, se escorregassem caíam do penhasco. (Rose-Berthide Dorcin, 2022).

No entanto, para outros moradores a violência de Henry I é justificável, ele tinha sua filosofia e conseguiu elevar suas obras. Sophonie diz:

Segundo a história, foi Henry Christophe que construiu o PNH com seus soldados. E para mim, para te dizer bem, mesmo que Henry Christophe tenha sido violento ou não, o que ele queria realizar ele realizou. Ele tinha um objetivo e foi realizado, para mim, sabe, o sonho de Henry Christophe foi realizado, é assim que entendo a história. (Sophonie Jean-Blaise, 2022).

Nesse sentido, Étienne reconhece que existem várias correntes na história de Henry I e que muitas o retratam como violento, mas ele tenta entender a questão no “seu contexto e da forma mais séria possível”. “Pois, nossa independência foi arduamente conquistada”, diz ele, “e não podíamos baixar a guarda, era preciso sempre ficar vigilantes para preservar a independência, mas os novos cidadãos haitianos não queriam trabalhar, então o rei não teve outra opção a não ser forçá-los. Era uma questão de vida ou de morte”. Com efeito, o historiador Alix René (2019, p. 37-147) evidencia o entendimento radical de liberdade do povo que se negava, logo depois da independência, a trabalhar para os outros como forma de superar o passado colonial, reclamavam para si sua parcela de terra e sua autonomia. O Estado haitiano negou essa liberdade aos novos camponeses e foi intensamente violento para conseguir a sua submissão. Porém, ao final, Étienne faz uso do principal discurso oficial que constitui o mito fundador da nação haitiana: em Milot está a materialização dos valores da Revolução, da memória, da nação e, sobretudo, a representação do trabalho patriótico do povo.

[...] não acho que Henry Christophe forçou todos os trabalhadores a construírem Milot, acho que as pessoas participaram da construção de Milot como se fosse um dever patriótico que tivessem. Porque a ideia de Henry Christophe era mostrar ao mundo inteiro quem somos nós e o que podemos fazer. E é por isso que ele construiu tudo o que construiu, são coisas que podemos tocar com as mãos, coisas que nos dão orgulho [...] (Maurice Étienne, 2022).

Mas os relatos dos moradores de Milot não se atentam somente ao passado remoto do século XIX, a memória herdada (Pollak, 1992) referente ao passado recente também é evocada e carrega lembranças igualmente violentas. Às vezes, também essas opressões são entendidas e justificadas. Durante a principal fase da patrimonialização nacional (1950-1990), que corresponde à ditadura dos Duvalier (1957-1986), houve censuras, perseguições, torturas e assassinatos como também frequentes desapropriações das terras camponesas de forma arbitrária (Hurbon, 1987; Pierre-Charles, 1973; Voltaire, 2015). E, justamente, para a delimitação do PNH-CSSR muita terra teve que ser desapropriada como previsto no Decreto de 1968 acerca dos Parques Nacionais e Sítios Naturais (Haiti, 1968). Segundo o balanço feito pelo Instituto de Salvaguarda do Patrimônio Nacional (Ispan) entre 1979 e 1982 foram construídas casas para os camponeses que haviam sido desapropriados, contudo, não foram localizados documentos com detalhes referentes a essas desapropriações, construções ou indenizações relacionadas.<sup>7</sup>

Licuis Valsan, um senhor idoso de Milot, relatou que no espaço do palácio *Sans-Souci* havia muitas árvores frutíferas e que seu pai vivia ali, foi onde ele nasceu e cresceu. Mas com os Duvalier as casas foram derrubadas, as árvores foram cortadas e os moradores expulsos, deixando o palácio vazio, deixando apenas as ruínas (Bulamah, 2018, p. 52-53). Sophonie, por sua vez, diz não ter ouvido muitas coisas dos mais velhos de como o Estado procedeu para patrimonializar os monumentos, contudo lembra que:

[...] na época muitas pessoas perderam suas terras e por falar em perder terra, até agora o Estado está de olho em várias casas que dizem fazer parte do Palácio. Dizem que tinham inclusive pago a essas pessoas, no passado, para que fossem construir em outro lugar. Mas até agora eu vejo essas casas. As pessoas ainda moram nelas. Ao contrário, continuam construindo. Sim, no passado havia pessoas morando e plantando nos arredores do Palácio. (Sophonie Jean-Blaise, 2022).

Segundo Myrbel, foi com a patrimonialização dos monumentos que o parque passou a ter valor. Antes disso, as pessoas da cidade plantavam no espaço do sítio como fazia seu avô, porque desconheciam o valor turístico e conseqüentemente econômico dos monumentos.

Posso dizer que as pessoas da região conheciam a *Citadelle* porque costumavam ir lá, mas já que ninguém mais vinha visitá-la, elas não sabiam do seu valor, e acabaram por plantar aí dentro, na época. [...] Antes deles saberem que a *Citadelle* era importante e podia ser lucrativa, foi usada como horta. [...] Você sabe como os camponeses faziam? Se uma pessoa trabalhou aquela parcela este ano, ela terá

7 Esta informação foi obtida entre os documentos disponíveis no escritório da Ispan em Porto Príncipe. Na época, os documentos do instituto não eram classificados e esse em particular não continha as informações necessárias que pudessem auxiliar na citação.

que trabalhar aquela parcela de terra todos os anos, porque é como se a terra fosse dela já. Não foi alugada, não foi comprada, mas se tornou um hábito plantar nela porque é como se aquela parcela de terra fosse dela já, entende? (Maxime Myrbel, 2020).

Assim, segundo ele, quando o Estado decidiu patrimonializar os monumentos, acabou por desapropriar as pessoas e deu outras ocupações a elas e, aparentemente, se conformaram com a situação porque entenderam os motivos do Estado. Mesmo que Myrbel reconheça algumas práticas de desrespeito, em suas palavras “a desapropriação dos moradores parece ter sido um mal necessário”.

[...] quando o Estado descobre esses monumentos, teve que expulsar todo mundo. Todos perderam o que tinham. Mas daí as pessoas ficaram felizes [...] porque depois disso, turistas passaram a frequentar a região, então quem trabalhava a terra, que cultivava, passou a ganhar dinheiro por outros meios [...]. Não ficaram chateados, apesar do Estado não indenizar ninguém. Não havia tal coisa. Mas eu sei que depois disso, mesmo aqueles que trabalhavam na *Citadelle*, que tinham hortas aí, foram as mesmas pessoas que o Estado teve que contratar para limpar o sítio. Embora não fossem 100% empregados. Porque, apesar de que essas pessoas trabalhavam há tempo, o Estado nunca realmente as contratava, ele sempre dava um dinheirinho para elas e pronto. (Maxime Myrbel, 2020).

Os moradores, realmente, não sentiram falta das suas terras e de poder plantar nelas? Trata-se de um conflito geracional que faz Myrbel, de 32 anos na época, perceber os mais velhos como incapazes de compreender sua complexa realidade social? Ou de uma oposição entre agricultura e turismo, entre valores tradicionais e modernos? Teremos que conversar com mais moradores de gerações distantes para aprofundar essas questões, mas por enquanto, os relatos de Étienne e Licius Valsan indicam relações diferentes.

Nessa mesma linha de relato, Rose-Berthide, que trabalha na prefeitura, difere bastante. A moradora conta que ninguém perdeu terra nem casa com o processo de patrimonialização dos monumentos e que ninguém fazia horta no espaço. Outro ponto curioso nos relatos é que, enquanto Myrbel lembra do período ditatorial como sendo muito violento, chegando a dizer que, pelas histórias que tem ouvido de seu pai, tio e vizinhos, não conseguiria viver nessa época, Rose-Berthide apresenta uma versão um pouco mais amena. Lembra que Duvalier era “o mais maldoso entre os presidentes do Haiti”, mas ao mesmo tempo lembra da sua época como sendo vantajosa para os moradores, pois vinham muitos barcos cheios de turistas para visitar especificamente Milot. Para a moradora, durante os Duvalier Milot era mais seguro, lembra das paradas militares organizadas pelo ditador em Milot e sobretudo: “Quando Duvalier vinha ele passeava no seu carro e jogava dinheiro no ar para as pessoas, era o papel-moeda de 2

*gourdes*, 50 *gourdes*. Jogava no ar muito dinheiro, as pessoas corriam atrás do carro para pegar o dinheiro” (Rose-Berthide Dorcin, 2022).

Mas, como aponta Étienne, a época dos Duvalier é tida por alguns como segura porque as pessoas tinham medo, tinham que ser cautelosas, porque se tratava de uma época com muita violência e pouco valor à vida humana. Por ser a época da patrimonialização do PNH-CSSR, a cidade acabou usufruindo um pouco mais das promessas do turismo, mas a situação atual do país, as dificuldades financeiras enfrentadas pela população, talvez levassem a entrevistada a idealizar o passado. Contudo, também nas falas de Rose-Berthide ao longo da entrevista foi possível identificar um incômodo frente ao que ela considera um descaso do Estado para com os moradores de Milot. Pois as violências praticadas em Milot não se observam somente nas desapropriações de terra, mas também na ausência de diálogo entre o Estado e a comunidade.

Quando o Estado começou a valorizar Milot, não falou com ninguém. Eu nunca ouvi falar de tal coisa, de reunirem a população numa grande reunião, de nos chamarem para dizer o que vão fazer daqui a 5 ou 10 anos, como vão investir o dinheiro, nada disso jamais aconteceu. (Rose-Berthide Dorcin, 2022).

Também Myrbel relata a mesma falta de diálogo:

Na época, quando o Estado começou a ficar de olho em Milot, os olhos dos moradores não estavam muito abertos para querer exigir diálogo com o Estado sobre o destino de Milot [...]. Então o Estado não informou ninguém sobre o que pretendia fazer e nem como pretendia agir. O Estado somente veio e fez o que tinha que fazer. Até agora, o Ispan, se [...] for fazer alguma coisa, não vai nos informar, vamos só ficar e ver que eles estão fazendo alguma coisa, não vão informar ninguém da região. (Maxime Myrbel, 2020).

Myrbel nos relata sobre uma experiência que teve quando uma equipe cinematográfica foi a *Citadelle* para gravar o filme “Moloch Tropical” (2010) de Raoul Peck, que trata sobre o segundo mandato presidencial de Jean-Bertrand Aristide. Na ocasião, os moradores também não foram informados, só ficaram sabendo no dia em que chegaram vários carros com muitos equipamentos. Segundo Myrbel, ninguém consulta os moradores de Milot porque se trata de uma cidade pobre, em um país pobre, todos acham que podem fazer o que bem entendem desde que consigam dar alguma esmola aos moradores locais.

[...] quando esse filme ia ser gravado, ficamos e vimos [carros subindo] em direção à *Citadelle*. Daí quando começamos a prestar atenção e decidimos exigir explicações, eles se burlaram de nós, sabem que estamos na pobreza, eles criaram uma estratégia, escolheram alguns para carregar cada material que tinham até a *Citadelle* e pagaram 100 *Gourdes*, por cada aparelho, 100 *Gourdes*! Aí a pessoa vê que conseguiu algo

para fazer, que está conseguindo um pouco de dinheiro, não questiona mais, ela não pergunta mais nada. [...] Houve até um momento em que as pessoas da região não podiam nem entrar no parque se não estivessem trabalhando no filme. (Maxime Myrbel, 2020).

Os entrevistados expressam sentimentos de não inclusão também na realização de outras atividades no PNH-CSSR, como casamentos religiosos, em sua maioria de pessoas *milat* (mestiços) que não pertencem à comunidade. Rose-Berthide, que vive em união estável e que tem três filhos, faz uso da palavra *milat* para se referir não tanto à tonalidade da pele, mas às pessoas de uma classe social mais abastada. E, talvez, seja uma forma de insinuar que as pessoas de Milot, como ela, não conseguem ter o luxo de se casarem no Palácio de Henry I e de poderem usufruir desse patrimônio como outras pessoas com maiores condições econômicas.

Nas suas falas, os moradores fazem referência à inexistência de uma prática de Educação Patrimonial, à desvalorização das suas referências culturais (Scifoni, 2012; Florêncio, 2012; Fonseca, 2001). Pois não são reconhecidos como agentes ativos na cidade e nem fazem parte dos vários projetos a serem realizados em Milot, no parque, suas experiências, sua visão de mundo, seus valores afetivos, saberes e conhecimento empírico gerado e associados à memória do local são ignorados. As ações de preservação patrimonial, ao se desenvolverem de acordo com a Educação Patrimonial e as referências culturais locais, possibilitam reconhecer valores e representações sociais atribuídos pela comunidade aos bens. E, com constantes diálogos entre os setores públicos e a comunidade, viabilizam a “afirmação de identidades e [...] que as pessoas se assumam como seres sociais e históricos, como seres pensantes, comunicantes, transformadores, criadores, realizadores de sonhos” (Freire, 2011, p. 42 *apud* Florêncio, 2012, p. 29; Fonseca, 2001). O que levaria a comunidade a desenvolver uma relação muito mais íntima com os bens tombados e, conseqüentemente, a valorizá-los e preservá-los ainda mais.

Apesar de não termos perguntado sobre a igreja de Milot, construída entre 1810 e 1813, na qual Henry I fora coroado, Myrbel e Rose-Berthide falam sobre ela com bastante pesar. A igreja, a cerca de alguns metros do *Palais Sans-Souci*, foi incendiada na madrugada da noite do dia 13 de abril de 2020 e o monumento ainda não foi reconstruído. Com o incêndio da igreja, “todas as cerimônias que ali se faziam antes, casamento, enterro, missa, agora são celebradas no pátio da paróquia do padre”, afirma Rose-Berthide em um tom que supõe a falta que essa igreja faz. Nesse sentido, Myrbel conta:

A igreja de Milot pegou fogo e até agora nada foi dito. [...] Eu estou convicto de que não há nada que se quebre no Haiti, nada que você tinha e que perde no Haiti que será recuperado facilmente. Este é um dos meus maiores lamentos, de termos perdido esta igreja, porque acho que em todo o país [...] só em Milot tinha aquela igreja. Então, nós a perdemos, mas eu realmente não acho que a igreja vai ser reconstruída

agora, não será reconstruída. Porque pela quantidade de coisas que o Estado tem que fazer, eu com todo meu entendimento, pela quantidade de coisas que vejo que o Estado tem que fazer no Haiti, eu não acho que vai ser a igreja que vão querer reconstruir. (Maxime Myrbel, 2020).

O ceticismo de Myrbel acerca de mudanças em um tempo próximo se reforça com a desilusão de promessas não cumpridas feitas pelo Estado.

Posso até dizer que o povo de Milot não se beneficia realmente da *Citadelle*. Se tem turistas nós nos beneficiamos, em relação às taxas de ingressos cobradas. [...] O Estado não está de olho realmente em Milot, embora tenhamos todas essas grandes coisas, a *Citadelle*, *Sans-Souci*, *Ramiers*. Inclusive *Ramiers* é pouco visitado porque a estrada é um pouco cansativa, muito desconfortável para as pessoas andarem, porque é pedregosa. [...]. Como *Ramiers* parece estar na cidade de Dondon eles queriam fazer uma estrada de Dondon até a *Citadelle*, mas até agora nada foi realizado, entende? [...] A *Citadelle* e o *Palais Sans-Souci*, para mim, coisas que podem ajudar no progresso, que podem levar o Estado a ganhar dinheiro, da forma como vejo que são tratados é como se fossem bens não valorizados. (Maxime Myrbel, 2020).

Para Rose-Berthide, as últimas crises políticas também inviabilizaram a realização de muitos projetos em Milot. Ela diz: “é a morte do presidente que paralisou muita coisa.<sup>8</sup> Tinha um projeto para construir uma linha teleférica de Labadee até Milot, desde a morte do presidente tudo ficou parado”. Labadee é um povoado costeiro, um dos principais pontos de cruzeiros do país e fica a alguns quilômetros de Milot. Em suas palavras, “essa linha teleférica ajudaria Milot a aproveitar os turistas de Labadee, tornando a situação da cidade um pouco menos difícil”. Segundo ela, foi por causa do dinheiro que o Estado vislumbrou com o turismo que começou a valorizar a cidade, o parque. “No entanto, quando conseguiu esse dinheiro, [...] eu não vi o que fez em Milot. Esse dinheiro não ficou na cidade [...], não teve nenhum uso aqui em Milot”.

Myrbel lamenta que apesar de Milot possuir o PNH-CSSR, ele, como guia turístico, não possa ficar na cidade e tenha que se deslocar constantemente entre Cabo-Haitiano e Labadee para atender outros turistas que estão à procura de mar e sol. E com a pandemia da Covid-19, o pouco fluxo turístico observado em Milot após o terremoto de 2012 diminuiu totalmente. As questões políticas, a falta de investimento do Estado, a exclusão da juventude de todos os processos, os problemas de segurança e infraestrutura são, segundo ele, questões a serem resolvidas para que o turismo possa melhorar em Milot. Nas palavras de Sophonie:

---

8 O presidente Jovenel Moïse foi assassinado na sua residência em 7 de julho de 2021. A primeira-dama, Martine Moïse, ficou ferida. As investigações continuam, mas ainda os responsáveis não foram identificados.

[...] cabe ao Estado trabalhar a favor da segurança e o dinheiro ganho no parque tem que servir para limpá-lo, protegê-lo, proteger o meio ambiente. (Sophonie Jean-Blaise, 2022).

Da mesma forma, Rose-Berthide afirma:

Então, segundo meu entender, beneficiaríamos realmente do PNH se o país tivesse estabilidade e tivesse mais atividades culturais [...] sabe, incentivar grupos de mulheres, por exemplo, a se organizar e a comercializar coisas, fazer grupos de ateliês de artesanato nas escolas para as crianças, para ajudar as crianças [...]. (Rose-Berthide Dorcin, 2022).

Já para Étienne:

[...] o Estado teria que fazer uma formação patrimonial, uma formação histórica para as pessoas, mas isso não acontece. E foi isso que nos fez decidir fazer o centro cultural, porque vamos poder mostrar o que fizemos com nossas mãos para tentar trazer nossa participação para Milot, por respeito à Henry Christophe, e isso não é uma coisa fácil, é uma coisa muito difícil de fazer. [...] Isso é o que falta ao governo haitiano, não entende a importância da *Citadelle*. É por isso que abandonaram a *Citadelle*, tomam a *Citadelle* como meio para ganhar um pouco de dinheiro todos os anos com o Banco Mundial e a Unesco. Mas o lado histórico da *Citadelle*, eu diria que não o levam em conta, e quem pode ajudar a levar em conta esses valores é o Estado [...] por uma educação realmente pensada para que as pessoas entendam o valor dos monumentos. (Maurice Étienne, 2022).

Durante toda a conversa, os moradores de Milot destacam os elementos simbólicos, os sentimentos afetivos que constituem suas referências culturais do PNH-CSSR, da cidade (Fonseca, 2001), seu protagonismo na preservação dos monumentos, sua atuação como empreendedores da memória (Jelin, 2002), mas que são constantemente desprezados. Resgatam momentos de violência e denunciam o Estado por ausência. Trazendo à tona interpretações diversas em torno de Milot, Maxime Myrbel, Rose-Berthide, Sophonie Jean-Blaise e Maurice Étienne enfatizam a complexidade da realidade social, os conflitos, as tensões em torno do patrimônio, da memória e da identidade.

## Conclusão

Apesar de que desde a criação da Unesco o patrimônio passou a se relacionar também ao âmbito internacional, ainda segue tendo uma conotação essencialmente nacional. Constitui um dos principais meios de materialização, manutenção e preservação

da identidade de vários grupos que compõem a nação e um dos espaços centrais de disputas por narrativas entre esses diferentes grupos. Pois, enquanto o Estado faz uso dos bens patrimoniais para se legitimar, legitimar uma memória nacional específica, a população acaba por se relacionar com eles de forma diferente, ressignificando-os como referência para outras histórias, outras memórias e identidades.

Se os monumentos de Milot foram construídos num contexto de defesa da independência nacional e da liberdade do Homem Negro, funcionando como “uma defesa contra o traumatismo da existência” (Choay, 2001, p. 18), ao mesmo tempo, a construção dos mesmos, com Henry Christophe, e o processo de patrimonialização durante a ditadura dos Duvalier, marcaram violentamente a população local camponesa. Ainda assim, a “memória forte” (Traverso, 2012) do *Parc National Historique* em Milot apresenta os monumentos como portadores da promessa de um futuro melhor mediante o mercado turístico e destaca, tão somente, a luta contra a escravidão e o projeto de progresso de Henry I.

E, de forma geral, a memória social trazida pelos moradores de Milot, que concilia elementos de contextos históricos, espaciais, econômicos, políticos e culturais de maneira interdependente, está impregnada dessa memória nacional forte. Sem embargo, observa-se, igualmente, que trazem elementos abafados por essa memória, como as já mencionadas práticas violentas do Estado, ainda que: ora minimizadas, ora justificadas, ora postas em dúvida. Ou seja, expõem os limites do trabalho de enquadramento da memória oficial, o esforço por “controlar as feridas, as tensões e contradições entre a imagem oficial do passado e suas lembranças pessoais” (Pollak, 1989, p. 12).

Igualmente, são constantes as críticas feitas ao Estado por falhar no seu dever de proteção legal, de conservação e fiscalização do parque. Os entrevistados apontam que é preciso levar em conta os efeitos da colonialidade na realidade local e pensar em justiça social. O Estado precisa garantir a segurança dos moradores, tal como sinalizaram; precisa fomentar políticas sociais voltadas às crianças, aos jovens, às mulheres e criar a infraestrutura básica necessária para receber os tão sonhados turistas enquanto protege o meio ambiente. Mas, sobretudo, o Estado deve considerar a relevância da Educação Patrimonial, das suas referências culturais de forma interconectada com outras políticas públicas para uma preservação mais participativa da população local, seja nas tomadas de decisões acerca da cidade, seja na utilização do retorno monetário oriundo do turismo. Todos os entrevistados expressaram seus anseios de mudanças e melhoria das condições de vida no Haiti e em Milot. Esperam que o Estado assegure seus direitos sociais, civis e políticos, mas ao mesmo tempo não são muito otimistas.

Esse trabalho, realizado com os habitantes de Milot leva aos marcos sociais da memória, aos valores e às necessidades compartilhadas como haitianos e moradores de uma cidade do interior, aos significados que produzem acerca do tempo, às percepções que têm do presente e suas expectativas do futuro. Apesar de que o futuro almejado não se apresente utópico e as ações coletivas para melhorar o presente não tenham

sido identificadas, observa-se que certos aspectos do passado foram criticados de forma contundente, indicando o desejo de que não voltem a ocorrer.

Suas narrativas apontam para a função política e moral da memória, relacionada com seu “bom uso”, com o papel que deveria desempenhar no presente a partir de uma distinção entre as diversas formas de reminiscência, interpretadas de maneira não literal, permitindo o exercício da liberdade e da justiça (Todorov, 2000, p. 30). São as rememorações produtivas das quais trata Andreas Huyssen (2000, p. 37) ou os trabalhos da memória de Elizabeth Jelin (2002, p. 14) que fazem referência a uma memória que concebe e transforma o mundo social mediante a agência dos humanos produzindo transformações simbólicas e novos sentidos. Vale a pena finalizar com uma das falas de Maurice Étienne quando se refere ao cultivo da terra, nos tempos de Henry I, para a produção de alimento, para se apropriar dos valores da vida, de liberdade:

Porque se vivemos, não podemos viver com vergonha, e do jeito que vivemos, parece um povo que não entende o valor da vida. A vida não é só você ter o fôlego que respira, mas precisa ter um mínimo de bem-estar de dignidade. (Maurice Étienne, 2022).

## Referências

- ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2019.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BARTHÉLEMY, Gérard. *L'univers rural haïtien: le pays en dehors*. Paris: L'Harmattan, 1989.
- BULAMAH, Rodrigo Charafeddine. *Ruínas circulares: vida e história no norte do Haiti*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Unicamp, Campinas, SP, 2018.
- CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 23, p. 95-115, 1994. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23\\_m.pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat23_m.pdf). Acesso em: 25 nov. 2024.
- CERRI, Luis Fernando. Interfaces entre cultura histórica e cultura política. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 54-76, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/3w9PsRNDxnxTiQ7dcV TXmFg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 nov. 2025.
- CHOAY, Françoise. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade; Editora Unesp, 2001.
- DEMESVAR, Kenrick. *Interprétation et mise en valeur du patrimoine naturel et culturel, matériel et immatériel dans les parc nationaux - Cas du Parc National Historique : Citadelle, Sans-Souci, Ramiers de la République d'Haïti*. Thèse (Doctorat en ethnologie et patrimoine) – Université Lava, Québec, Canada, 2015.
- FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. Educação patrimonial: um processo de mediação. *In:*

TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Iphan, 2012. p. 22-30. (Caderno Temático, 2).

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: bases para novas políticas de patrimônio. *Boletim de Políticas Setoriais*, n. 2, p. 111-120, Brasília: Ipea, 2001.

HAITI. Arrêté du 23 août 1995. *Le Moniteur*, Port-au-Prince, n. 68, 28 août 1995.

HAITI. Décret du 18 mars 1968. *Le Moniteur*, Port-au-Prince, n. 23, 18 mars 1968.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HURBON Laënnec. *Comprendre Haïti : Essai sur l'État, la nation, la culture*. Paris: Les Éditions Karthala, 1987.

HUYSEN, Andrea. *Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

ICOMOS – CONSEIL INTERNATIONAL DES MONUMENTS ET DES SITES. Liste du patrimoine mondial, n. 180, maio de 1981. Disponível em: <http://whc.unesco.org/fr/list/180/documents/>. Acesso em: 25 nov. 2025.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2002.

MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti*. Tome III (1803-1807). Port-au-Prince: Imp. J. Courtois, 1848.

MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti*. Tome IV (1807-1811). Port-au-Prince: Édition Henry Deschamps, 1987.

MADIOU, Thomas. *Histoire d'Haïti*. Tome VI (1819-1826). Port-au-Prince: Édition Henry Deschamps, 1988.

MEF – Ministère de l'Économie et des Finances. *Plan de Gestion Environnementale et Sociale pour la réhabilitation de la place de la Reine et ravalement de façade à Milot*. République d'Haïti, 2016.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2020.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; RIBEIRO, Suzana L. Salgado. *Guia prático de história oral: para empresas universidades comunidades famílias*. São Paulo: Contexto, 2021.

PÉRARD, Jean-Herold. *Henry Christophe: un grand méconnu*. Ottawa: Protech LP, 2018.

PIERRE-CHARLES, Gérard. *Radiographie d'une dictature: Haïti et Duvalier*. Montréal: Les Éditions Nouvelle Optique, 1973.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RENÉ, Jean Alix. *Formation de l'État et culture politique populaire (1804-1846)*. Port-au-Prince: Editions Le Natal, 2019.

RIBEIRO, Regina Maria de Oliveira. A construção de sentidos históricos: cultura histórica e atribuição de significância em narrativas de estudantes do ensino fundamental. *In: SIMPÓSIO*

NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2013, Natal. *Caderno de resumos* [...] Natal: UFRN, 2013. v. 1. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875180\\_ea65eb4ce9522e8571360acc25a1eed3.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548875180_ea65eb4ce9522e8571360acc25a1eed3.pdf). Acesso em: 25 nov. 2024.

RÜSEN, Jörn. Was ist Geschichtskultur? Überlegungen zu einer neuen Art, über Geschichte nachzudenken. In: FÜSSMANN, Klaus; GRÜTTTER, Heinrich Theodor; RÜSEN, Jörn (Ed.). *Historische Faszination: Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, 1994. p. 3-26.

SANTHIAGO, Ricardo; MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 27, p. 1–18, 2020.

SCIFONI, Simone. Educação e Patrimônio Cultural: reflexões sobre o tema. In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). *Educação Patrimonial: reflexões e práticas*. João Pessoa: Iphan, 2012. p. 30-38 (Caderno Temático, 2).

TODOROV, Tzvetan. *Los abusos de la memoria*. Barcelona: Paidós Asterisco, 2000.

TRAVERSO, Enzo. *O passado, modos de usar: História, Memória e Política*. Lisboa: Edições Unipop, 2012.

TROUILLOT, Michel-Rolph. *Silenciando o passado: poder e a produção da história*. Curitiba: Huya, 2016.

VOLTAIRE, Frantz. *Mourir pour Haïti: la résistance à la dictature en 1964*. Montréal: Éditions du CIDIHCA, 2015.

## Fontes orais

DORCIN, Rose-Berthide [39 anos]. [jun. 2022]. Entrevistador: Loudmia Amicia Pierre-Louis. Foz do Iguaçu, PR – Milot, Haiti, 22 jul. 2022.

JEAN-BLAISE, Sophonie [Idade não informada]. [jun.2022]. Entrevistador: Loudmia Amicia Pierre-Louis. Foz do Iguaçu, PR – Milot, Haiti, 24 jul. 2022.

MAURICE, Étienne [71 anos]. [ago. 2022]. Entrevistador: Loudmia Amicia Pierre-Louis. Foz do Iguaçu, PR – Milot, Haiti, 9 ago. 2022.

MYRBEL, Maxime [36 anos]. [jun. 2020]. Entrevistador: Loudmia Amicia Pierre-Louis. Foz do Iguaçu, PR – Milot, Haiti, 8 jun. 2020.

Recebido em 22/03/2024

Versão final reapresentada em 09/10/2024

Aprovado em 13/10/2024

**Fonte de financiamento:** Programa de Demanda Social da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) – Bolsa.

**Conflito de interesses:** nada a declarar.